

Resenha da Publicação:

DYER, Colin. **O Simbolismo na Maçonaria**. São Paulo: Editora Madras, 2010. 218 páginas.

Nihad Faissal Bassis ¹

Podemos sair da Loja e, ao apreciarmos a natureza, perceber que tudo o que nos cerca é algo que Deus está a nos ensinar por intermédio de símbolos e alegorias – J.S.M. Ward

Introdução

Nessa obra, Colin Dyer, membro da famosa Quatuor Coronati e com inúmeros livros e artigos publicados no exterior, apresenta o resultado de sua rica pesquisa histórica sobre a origem dos símbolos utilizados na Maçonaria.

Apesar de sua conhecida erudição no meio maçônico do “Velho Continente”, essa é a primeira obra publicada no Brasil. Em todas elas, o autor deixa como marca registrada seu forte caráter crítico e preocupação no rigor de análise histórica e documental das fontes consultadas, não deixando espaço para achismos ou conjecturas infundadas.

De fato, trata-se de uma obra criteriosamente elaborada, entretanto, sem perder a poesia e a beleza, consoantes com o simbolismo maçônico. Vale destacar que o autor demonstra constante preocupação com a razão de existir da Maçonaria como um “sistema moral”, destituindo ênfases místicas ou míticas como atributo princi-

pal da Sublime Ordem. Nesse sentido, o autor estabelece que o objetivo dessa obra específica é o de desenvolver um estudo profundo da incorporação dos símbolos na Maçonaria. E logo em seu prefácio, Dyer registra a utilização de obras apenas de autores de sua credibilidade, mesmos que não concordando com algumas de suas opiniões.

Dividido em oito capítulos o livro tem seu início a partir do contexto histórico dos maçons livres e aceitos, indo até a união das duas Grandes Lojas inglesas e como isso veio a definir o uso dos instrumentos de trabalho no simbolismo maçônico.

O Maçom Especulativo

No primeiro capítulo, Dyer define o maçom especulativo a partir de um prisma histórico, não com base na Maçonaria em si, mas na preocupação de um movimento do ser humano em se espiritualizar e progredir moralmente:

[...] o desígnio da instituição maçônica é o de tornar o homem mais sábio e melhor, e, conseqüentemente, mais feliz. Ela estabelece em suas instruções simbólicas os princípios da moralidade... (p.27)

¹ Nihad Faissal Bassis é escritor, pesquisador e MSc em Administração. Iniciado na Loja Maçônica “Acácia do Planalto 1635” - GODF-GOB (rito REAA), atualmente é Mestre Maçom filiado à Loja Maçônica “Flor de Lótus n.38” - GLMDF-CMSB (Rito de York). É membro honorário da Loja “Lumminar 4261” - GOB (Rito Schroeder) e detentor da Grã-Cruz do GOIRJ-COMAB no grau de Benemérito da Ordem. Senior DeMolay e Nobre Shriner, é membro e entusiasta do Rito de York, sendo filiado ao Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil - SGCMRA.

Com base nisso, podemos observar uma implicância objetiva da instituição como meio de alcance da felicidade humana a partir de atributos morais. Notadamente a ligação (*religare*) a Deus não é constatação de seus estudos como função ou fim da Maçonaria.

Através de outros autores, Dyer assume que o maçom como estudante, desejoso de aprender estes princípios deve estar disposto a vivencia-los pois *"[...] os princípios morais de nada valem até que se tornem vivos e direcionados, pela prática."* (p.32)

Daí a grande contribuição da obra em nos mostrar que a vivência maçônica só se consolida além das fronteiras das Lojas, em nossa atuação como cidadão, parente, amigo.

Ao longo do capítulo são discutidas as inúmeras razões do uso do termo maçons "livres" e as diferentes origens, por muitas vezes não convergentes, mostram a diversidade de inserções simbólicas, até mesmo na definição do que é ser um maçom. O termo maçons livres e "aceitos" é justificado pela existência de um conclave interno, ainda no Século XVII, da Companhia de Maçons de Londres, o qual teve caráter distinto aos conclaves anteriores da Companhia. Segundo Dyer:

[...] a associação a esse conclave interno não era compulsória...e representava uma espécie de movimento espiritual voltado a uma vida melhor, tal como se pode encontrar de tempos em tempos na história mundial. Ao que parece, o surgimento dessa organização foi meramente um indicio inicial, um precursor, ou um arauto, de um movimento filosófico muito mais forte que se manifestou sob diversas formas no século seguinte – o que ficou conhecido como a "idade da razão" – e durante o qual a Franco-Maçonaria se desenvolveu. Um importante fator desse conclave da Companhia de Maçons foi a o fato de que podiam a ele ser admitidos aqueles que não eram maçons operativos praticantes, mas que eram cidadãos responsáveis e respeitáveis, dotados de um adequado

padrão de vida. Esses outros cidadãos eram "aceitos" como maçons a fim de se associarem a esse grupo interno, e que acabou ficando conhecido como "a aceitação". (p. 18)

Quanto ao uso do termo especulativo, Dyer, utilizando a obra de J.S.M. Ward, justifica que: *"[...] especulação é publicada sobre o título genérico de simbolismo."* (p. 29) e que:

[...] o simbolismo é a chave de todos os mistérios, de todas as religiões, modernas e antigas... sem a compreensão do significado dos símbolos, jamais conseguiremos apreciar a beleza da vida, ou entender aquilo que nossa fé procura ensinar. (p. 30)

De forma elegante Dyer destaca que *"[...] devemos lembrar que nem o simbolismo nem a verdade é exclusiva aos maçons"* (33) e que [...] *"a Maçonaria não detém o monopólio da verdade, e nem a sabedoria dos antigos sábios"* (p. 33).

O capítulo encerra-se com a preocupação de que o mundo moderno, em sua ânsia "estúpida" por respostas, criou a "simbolatria", que, além de distorcer o sentido original dos símbolos, alimenta uma distorção contínua da atual Maçonaria.

O Simbolismo Básico

Neste capítulo é desenvolvido um relato histórico do trabalho da Grande Loja dos Antigos e também da dos Modernos, chegando às contribuições de William Preston. Aprofunda ainda nas influências do Judaísmo e das antigas civilizações, bem como o uso dos números no simbolismo maçônico. São analisados os catecismos e as exposições da época. Influências cíclicas de época também foram observadas: *"[...] possui símbolos que foram deliberadamente inseridos por razões que serviram àqueles de sua época"* (p. 35).

Daí a certeza de a Maçonaria ser um organismo vivo, em constante mudança e sofrendo

influências do tempo. As influências, negativas ou positivas, ocorrem de fato, mesmo havendo por vezes um discurso folclórico de que a Maçonaria é a mesma desde sua criação.

Por conta das influências de época o autor afirma que: “[...] *existem várias origens na incorporação dos elementos do simbolismo maçônico*” (p. 37). Estas origens podem ser da política e de grupos dominantes da época, religiosos ou não; da cultura local; dos valores sociais; das experiências históricas; e de tantas outras variáveis sociais que podem ser analisadas.

A Loja - sua natureza e propósito

Neste capítulo um estudo sobre a Loja e seus propósitos detalha questões sobre seus pilares, colunas, seu solo sagrado e seu desenvolvimento.

Segundo o autor, curiosamente, muito do que há de diversidade no simbolismo maçônico trata-se mais de uma falta de orientação e comunicação centralizada de ordenação simbólica do que uma intenção planejada. Para ele, a intervisitação entre irmãos de Lojas distintas foi o que levou a Maçonaria à quantidade expressiva de símbolos existentes em suas lojas.

Em se tratando das reuniões realizadas nas Lojas, o autor destaca os três princípios fundamentais de como conduzi-las:

- Fé em Deus;
- Esperança na imortalidade;
- Caridade a toda humanidade.

Eis, claramente, os princípios que devem nortear as reuniões maçônicas.

A Loja – ornamentos, utensílios e joias

O quarto capítulo, “A Loja – Ornamentos, Utensílios e Joias”, além de estudar os principais ornamentos e utensílios presentes na Maçonaria Simbólica, desenvolve análise histórica sobre a Escada de Jacó, bem como sobre as chamadas Joias da Loja e os símbolos da Geometria. Todos

esses símbolos são analisados de forma criteriosa e aprofundada, sem que o autor perca seu pragmatismo típico.

Neste capítulo, o significado da letra G é dissecado. O catecismo “Chave Mestra” de John Browne, datado de 1800, é estudado detalhadamente, chegando ao seu complexo significado e sentido de nossa ligação com Deus em nosso desenvolvimento progressivo através do “G” que, para o autor, representa a presença divina de JHVH.

Além da geometria utilizada no simbolismo maçônico, também é tratado o significado das joias maçônicas e da tabua de delinear.

Trevas e luz

Aqui iniciam os estudos sobre os aspectos mais dedicados: o estado do ser enquanto neófito nas trevas, e do iniciado enquanto receptor da Luz. Trata-se de capítulo cuja leitura é fundamental para os aprendizes recém-iniciados. O autor consegue relacionar essa Luz mencionada à luz refletida pela experiência dos apóstolos, em Pentecostes, Atos dos Apóstolos, 2:

Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se. (p. 128)

Por conta disso diversos documentos maçônicos utilizam-se do termo “*Sit Lux*” (conforme Genesis, 1) em seus cabeçalhos, e também o termo pode ser encontrado em monumentos e edifícios maçônicos.

Do termo “trevas”, entende-se simbolicamente como o momento anterior a revelação da Luz Divina, uma vez que está é que nos traz consciência de nossa existência. Daí por que, segundo William Preston:

A Lei Sagrada é o guia de conduta, que

nós inculcamos em todos os graus. A Deus, ao nosso semelhante e a nós mesmos são devidos os deveres contidos neste Código.” (PRESTON apud DYER, p. 138)

vergada por reis.

Os Instrumentos de Trabalho

Por fim, em seu último capítulo é abordada a união das duas Grandes Lojas inglesas e como isso veio a definir o uso dos instrumentos de trabalho no simbolismo maçônico.

Dyer rememora-nos que os instrumentos são utilizados como elementos simbólicos de explanação moral e ética para os trabalhos da vida, tanto dentro como fora das Lojas maçônicas. Um bom exemplo disso são as explicações de William Meeson, em *Maçonical Aphorisms*.

Que todo verdadeiro maçom abata todas as disposições malévolas, com o Maço da Justiça e da Misericórdia; que ele meça as suas ações pela Régua de um dia; que ele as torne adequada pelo Esquadro da Prudência e da Igualdade; que ele as mantenha nos limites do Compasso da Moderação e da Temperança, ajustando-as pela verdadeira Linha de Prumo da Sinceridade e da Verdade Indiscutível, trazendo-as ao justo Nível da Perfeição e as Espalhe com a Silenciosa Trolha da Paz. (p. 208)

Comentário Final

Esta resenha não objetivou aprofundar-se na temática central do livro, dado a própria natureza e objetivos de uma resenha. Caberá ao leitor devastar os conhecimentos disponíveis na obra resenhada. Fica a certeza de que há muito a ser estudado nessa obra, especialmente por conta de sua fidedignidade aos manuscritos e documentos históricos da Maçonaria. Essa obra é digna de ser tomada como referência por todos os maçons, sejam eles de quaisquer graus, orientes, obediências ou ritos. Isso porque a obra trata do núcleo conceitual da Maçonaria. Em suma, uma obra ontológica, pois, conforme uma antiga preleção que deu origem aos nossos primeiros cerimoniais:

- O que constitui o caráter de um maçom?
- O caminhar humilde aos olhos de Deus, praticar a Justiça e amar a Clemência.

As Cerimônias

O tema progresso em busca da perfeição onde relata a lógica dos três graus e sua evolução no contexto do maçom em sua vida.

Segundo o autor, com base na análise dos manuscritos maçônicos, os três graus nada mais são que 'Ulam, Hekhal e Devir, ou seja, os três aposentos do Templo construído pelo rei Salomão. Desta forma, os três graus são a principal contribuição da maçonaria especulativa em seu início por representam a evolução gradual e progressiva dos acontecimentos que ocorrem durante a jornada rumo à perfeição que cada maçom tem o dever de buscar. De forma sucinta este três estágios representam:

O reconhecimento do Deus da Natureza forma o primeiro estágio de nossa profissão; o culto a Deus sob a lei judaica está descrito no segundo estágio da maçonaria e por fim, a graça cristã é distinguida na última e mais elevada ordem (o grau de Mestre). (pp. 162:163)

As Vestimentas Maçônicas

“As vestimentas maçônicas” é o penúltimo capítulo, e apresenta o sentido de ordem e obediência em relação aos símbolos de distinção entre os membros de cada grau progressivo da Maçonaria. Neste capítulo, Dyer cita William Hutchinson que, em 1770, define o porquê do uso do avental branco no grau de Aprendiz Maçom: “[...] *Os maçons, como um de seus primeiros princípios, professam a “Inocência” como um emblema de seu caráter, o que revela pureza d’alma [...]*” (HUTCHINSON apud DYER, p. 169)

Daí vem que, na preleção da *Biographia Ecclesiastica*, tem-se que, independente do grau, a vestimenta denota a inocência do coração que é mais honrosa do que qualquer outra jamais en-

- Quais são as qualificações adequadas à dignidade da Arte?

- Dedicar socorro aos necessitados, dar pão ao pobre e reconduzir ao caminho certo o caminhante desorientado.

(HUTCHINSON apud DYER, p. 73)

Em outras palavras, o caráter de um maçom é forjado na fé e sua dignidade é medida pela caridade. Talvez essa seja a principal lição que a Maçonaria apregoa e que essa brilhante obra evidencia.